

A construção da pesquisa científica em comunicação – abordagens múltiplas de um saber específico¹

The construction of scientific research in communication - multiple approaches of a specific knowledge

Nelson Toledo Ferreira²

RESUMO: Toda pesquisa se origina de uma complexa rede de proposições para que o pesquisador consiga delimitar o recorte da investigação que pretende realizar. Diante de tantos caminhos, ênfase deve ser dada à formulação clara do problema. É necessário ousadia para introduzir novas perspectivas de análise mais aporte teórico sobre o assunto para preencher lacunas neste campo de saber ainda em construção. A pesquisa em comunicação amplia seu mosaico de abordagem como um caleidoscópio que a cada ângulo abre uma infinidade de novas reflexões e exige a consolidação de um campo específico.

ABSTRACT: Every research stems from a complex network of propositions so that the researcher can define the outline of the research he intends to accomplish. With so many ways, emphasis should be given to the clear formulation of the problem. It is necessary confidence to introduce new perspectives of analysis, besides a theoretical contribution to fill gaps in this field of knowledge, still under construction. The research in communication broadens its mosaic of approach like a kaleidoscope that in each angle opens up an infinity of new reflections and requires the consolidation of a particular field.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa. Epistemologia da comunicação. Metodologia

KEY WORDS: Research. Communication epistemology. Methodology.

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a uma reflexão sobre os caminhos que devem ser percorridos pelo pesquisador iniciante na construção de sua pesquisa científica dentro do campo da comunicação. A ênfase recai sobre a formulação do problema e

1 Trabalho apresentado no GT Pesquisa na Graduação do Encontro Mineiro de Professores de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, promovido pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa-UFV, em abril de 2011.

2 Mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora e doutorando em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: neotolledo@hotmail.com

das hipóteses, dialogando com teóricos e professores de metodologia sobre a melhor forma de encontrar um recorte do tema a ser investigado, discutindo a multidisciplinaridade da comunicação, a sua articulação com outras áreas de saber, a delimitação do foco em questão como um problema de comunicação, a importância dos questionamentos primários, além das adequações das análises teóricas e empíricas que o tema permite.

A construção de uma pesquisa científica é um desafio. Os primeiros passos passam pela complexidade de reflexões e escolhas, através de um minucioso planejamento, no qual são definidos revisão bibliográfica, problemas, hipóteses, objetivos e metodologia. Existe uma vasta lista de autores a respeito destes itens, mas o encaixe perfeito do tema escolhido, o afinamento das formas de estudo e a identificação com a linha de pesquisa exigem do pesquisador um trabalho árduo. No campo da comunicação, o desafio torna-se maior, na medida em que a interface desta área com outros conhecimentos permite um mosaico de abordagens que ora se distinguem, ora se complementam.

Uma pesquisa científica nasce de uma curiosidade de investigação sobre determinada temática, seja por questões de observação da realidade ou por lacunas de conhecimentos e reflexões de outros autores em um campo de saber específico. Os estudiosos revelam que o importante é que o assunto tenha legitimidade frente à comunidade acadêmica e percorra etapas que comprovem um trajeto de estudo e interpretação de dados coletados para se chegar a um parecer, que nunca é definitivo, mas que permita contribuir em alguma escala para o seu aprofundamento, abrindo um leque de novas possibilidades. Lúcia Santaella, na ótica de Pierce, na definição de pesquisa observa:

Toda investigação de qualquer espécie que seja, nasce da observação de algum fenômeno surpreendente, de alguma experiência que frustra uma expectativa ou rompe com um hábito de expectativa. Quando um hábito de pensamento ou crença é rompido, o objetivo é se chegar a um outro hábito ou crença que se prove estável, quer dizer, que evite a surpresa e que estabeleça um novo hábito. Essa atividade de passagem da dúvida à crença, de resolução de uma dúvida genuína e, conseqüentemente, estabelecimento de um hábito estável é o que Pierce chamou de investigação. (SANTAELLA, 2002, p. 112)

Santaella (2002, p.113) complementa que esta definição tem no seu núcleo a parte que concretiza uma pesquisa científica que é se livrar da dúvida, buscar uma resposta, nascendo neste processo de investigação o desejo de encontrar uma resposta para uma questão. Neste processo, ocorre a necessária aquisição de conhecimentos. O que caracteriza a pesquisa como científica, de acordo com a autora, é o estado de alerta do pesquisador no que se refere às questões filosóficas, especialmente, epistemológicas, sobre as leis que regem o conhecimento, sua busca, sua validade, entre outros.

Para Sérgio Vasconcellos de Luna (2000), no atual contexto, o papel

do pesquisador passa a ser mais de intérprete da realidade pesquisada, segundo os instrumentos conferidos pela sua postura teórico-epistemológica, não se preocupando em estabelecer a veracidade das suas constatações, mas, sim, que seja capaz de demonstrar – segundo critérios públicos e convincentes – que o conhecimento que ele produz é fidedigno e relevante teórico e/ou socialmente. Com base nessa premissa, Luna (2000, p. 15) conceitua pesquisa como a produção de um conhecimento novo, relevante teórico e socialmente. Ou seja, um saber que preencha uma lacuna no conhecimento disponível de determinados campos de estudo.

Luna (2000) destaca que qualquer que seja o referencial teórico ou a metodologia empregada alguns elementos são essenciais para o desenvolvimento de uma pesquisa, como determinar informações necessárias para encaminhar respostas às perguntas feitas; selecionar melhores fontes; definir um conjunto de ações que produzam estas informações e um sistema para tratá-las; usar um sistema teórico para interpretá-las; produzir respostas às perguntas formuladas; e indicar o grau de confiabilidade das respostas obtidas.

Todos estes elementos compõem um montante de dados para o planejamento de como será conduzida a pesquisa, buscando a sistematização do trabalho. Santaella reforça os obstáculos para o pesquisador que não dá a devida importância ao planejamento:

(...) o investigador se verá perdido em um emaranhado de dados, sem saber como analisá-los e interpretá-los por desconhecer significado e importância no contexto maior de um problema bem demarcado, de hipóteses apropriadamente formuladas e dos objetivos que uma pesquisa visa atingir”. (SANTAELLA, 2005, p. 152)

Com este entendimento inicial do que é uma pesquisa científica, o artigo busca posicionar o pesquisador iniciante no campo multifacetado da comunicação para que perceba seu foco de pesquisa, objetivando a construção do problema que direcionará todos os passos do estudo.

2. O CAMPO MULTIFACETADO DA COMUNICAÇÃO

Planejamento exige principalmente que o pesquisador saiba delimitar o campo de seus estudos, o que se apresenta como um outro desafio na área de comunicação. Os debates sobre comunicação nunca estiveram tão presentes na vida da sociedade como na época atual. A interface com outras áreas de conhecimentos gera uma gama infinita de abordagens, uma vez que o processo comunicativo faz parte do desenvolvimento da sociedade e dos próprios seres humanos, principalmente em uma era em que a informação se tornou uma *commodity*, ou seja, uma mercadoria que tem valor por si só no mercado, funcionando desde uma estratégia do mundo de negócios até uma ferramenta de interpretação de áreas específicas que abordam a interação dos grupos sociais, comportamentos, cultura, consumo e outras variáveis importantes da sociedade. Mas reduzir o campo da

comunicação meramente a esta perspectiva interdisciplinar seria simplificar os debates sobre estes estudos, afinando a amplitude dos processos comunicacionais como um campo singular do saber científico.

O campo epistemológico da comunicação esbarra em diversas variáveis do processo de interação social e midiática da sociedade que não são percebidas de forma plena e acabam se fragmentando em questões e objetos específicos dos mais diversos campos de conhecimento. Por isso, discute-se até que ponto é necessário delimitar o território da questão comunicacional ou enfatizar como se dá sua articulação com outros saberes, na tentativa de consolidar estes estudos como ciências da comunicação.

O fato é que os pesquisadores iniciantes se perdem no foco da pesquisa, com dificuldades de assegurar a comunicação como problema central a ser respondido em seus trabalhos e constroem conhecimentos baseados mais em interfaces. O desafio básico é fechar ao máximo o tema de pesquisa para que ele tenha uma consistência científica, sem cair nos labirintos de outras ciências como psicologia, antropologia, sociologia, linguística, educação, política social e fugir do campo de estudo da comunicação.

Comunicar não é um fenômeno novo, trata-se de um mecanismo que sempre foi essencial para que os homens interajam e se desenvolvam. No entanto, o processo cada vez mais acelerado de transmissão de informações na sociedade contemporânea acaba por construir um cenário em que a midiática dos processos sociais se torna ponto central de análise e reflexão acerca do conhecimento científico, exigindo, cada vez, mais pesquisas nesta área, na tentativa de entender a complexidade do mundo atual.

José Luiz Braga discorre sobre o campo não traçado da comunicação (2007), afirmando que na sociedade contemporânea os processos midiáticos se fazem presentes em todos os relacionamentos humanos e sociais por uma “penetrabilidade” processual que faz do midiático um processo interacional crescentemente de referência, mesmo nas comunicações interpessoais. Com efeito, Braga destaca que os campos de estudos e pesquisas em comunicação atuais transitam entre as perspectivas interacionais e esta presença midiática. Mesmo assim, estas duas preferências de objeto não definem claramente a questão do foco disciplinar.

Ao contrário, são duas noções que reabrem toda a perspectiva de reflexão – atravessando amplamente as ações humanas e os âmbitos de conhecimento sobre elas. Nenhum “objeto”, empírico ou conceitual, especificado ou abrangente, parece ser suficiente para demarcar uma área de conhecimento consistente, com boa articulação interna e identidade produtiva, resta sempre estabelecer questões “próprias” e articular de algum modo tais questões. (BRAGA, 2007, p.8)

Nesta multiciplidade de abordagens das pesquisas de comunicação, a

discussão sobre a construção dos problemas, das hipóteses e das metodologias nesta área exige um diálogo com vários teóricos para permitir uma ideia mais clara de qual o caminho por onde os pesquisadores iniciantes devem partir para construir seus projetos. Nos encontros dos alunos e professores dos programas de Pós-Graduação como Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e no Intercom – Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, os grupos temáticos de epistemologia da comunicação, a cada ano, apresentam novas visões sobre os paradoxos do campo comunicacional, o valor das metodologias de pesquisa na área, os trabalhos de investigação dos objetos do campo, a postura interdisciplinarista e muitas outras temáticas que permitem avaliar que o momento é mais de construção de um campo do que uma dispersão e fragmentação.

Com efeito, Venício de Lima (2001) trata o campo de estudo da comunicação como um universo teórico desarticulado e conflituoso, resultado de diversos fatores como os avanços tecnológicos que conduzem a uma “nova mídia”, interativa, que não mais massifica produtos a um público padronizado; a institucionalização dos cursos de graduação no Brasil, pautada no modelo norte-americano; o desenvolvimento do trabalho de pesquisadores que se interessam por áreas distintas daquela em que são habilitados profissionalmente. Na sua opinião, ao mesmo tempo em que se abrem novas perspectivas de pesquisas, há uma dispersão teórica do campo como saber científico.

Contraopondo esta posição, o pesquisador Jairo Ferreira (2007) considera inócuo delimitar um campo multidisciplinar como o da comunicação, defendendo que é convivência mútua entre essas teorias e dos desafios que elas propõem entre si que o campo avança e se desenvolve. Neste emaranhado de tendências é que se constrói a própria disciplina.

Neste conflituoso debate, os pesquisadores iniciantes necessitam de uma farta bibliografia e um projeto de pesquisa adequado para planejar o desenvolvimento dos seus temas centrados neste tensionamento multidisciplinar, mas não perdendo o foco das temáticas de comunicação como núcleo central para irradiar as discussões pretendidas dos seus estudos. Livros de metodologia são consensuais no que se refere aos tópicos como problemas, hipóteses, objeto de estudo e metodologia. Porém, mais do que entender estes itens, o desafio é conseguir apreender de forma clara e objetiva as questões comunicacionais e suas interfaces dentro deste aparato teórico.

3. IMPORTÂNCIA DA CLAREZA DO PROBLEMA DE PESQUISA

Compreendendo o campo de pesquisa e os inúmeros itens a serem refletidos antes de iniciar o estudo, surge a necessidade da elaboração de um bom projeto de pesquisa que irá nortear as primeiras etapas para a formulação clara de problemas, hipóteses, bibliografias disponíveis, lacunas neste tipo de estudo na comunidade científica, objetivos, como será feita a coleta de dados, como interpretá-los à base de teorias, entre outros. De acordo com Lúcia Santaella,

o projeto funciona como uma visão antecipada, um planejamento dos passos que serão dados na pesquisa.

A especialização do trabalho científico exige a construção prévia de um instrumento técnico que conduza a ações orientadas para um fim e sistematizadas sobre uma base de recursos humanos, técnicos, materiais e financeiro. Este instrumento técnico é o projeto de pesquisa. (SANTAELLA, 2007, p.53)

O estudioso José Luiz Braga (2007) enfatiza que alguns manuais de metodologia priorizam como ponto de partida para a investigação a “hipótese da pesquisa”, no entanto, destaca que estas inferências surgem no decorrer de formulações sobre determinada temática. Mas como criar hipóteses se elas não derivam de algum problema, algo que incomoda o pesquisador e o leva a refletir sobre o tema? Nenhuma pesquisa nasce do nada, necessita de uma reflexão acerca de determinada questão.

Os pesquisadores iniciantes ainda confundem tema com um recorte específico. Os temas geralmente abarcam uma infinidade de abordagens que necessitam do afinilamento para que o pesquisador não se perca em um labirinto de conceitos e formulações e não chegue a lugar nenhum. Faz-se necessário traçar um território de abordagem que permita aprofundar a questão traçada, dialogando com teorias que garantam a interpretação dos dados coletados de dados fenômenos.

Luiz Carlos Braga (2007) reforça a necessidade de levantar inúmeras perguntas sobre a questão a ser traçada. O quanto possível, na medida em que um destes questionamentos irá se transformar na raiz da pesquisa, gerando, então, a hipótese, ou seja, a suposta solução vista pelo pesquisador. O saber, de antemão, a resposta ao problema formulado não implicam a obviedade da pesquisa, pois o caminho percorrido para comprovar tal hipótese é que garante a pertinência e a importância do estudo. O conhecimento é sempre cumulativo, da variedade de perspectivas analisadas de temas é que este saber de determinado campo é construído.

Santaella lembra que algumas perguntas básicas orientam os primeiros passos na construção de um projeto como os motivos relevantes que fílgaram a curiosidade do pesquisador e produziram nele dúvidas a respeito do tema, pois são delas que o problema de pesquisa irá aparecer.

Felizmente, os temas que escolhemos, ou pelos quais somos escolhidos, não abraçam a realidade inteira, principalmente porque nosso olhar e nosso pensamento já estão conformados a um certo modo de ver que depende dos referenciais teóricos que dominamos. Esses referenciais são específicos, próprios das distintas áreas de conhecimento em que a ciência se subdivide. Uma vez que nos constituímos como pesquisadores dentro de alguma área de conhecimento, os estudos preliminares já estão

previamente delimitados pela área de inserção do pesquisador. Dentro de cada área, há ainda delimitações que lhe são próprias e que se constituem nas suas subáreas. Dentro destas subáreas, encontram-se estratificações de temas, junto às quais o tema de nossa escolha, via de regra, se localiza. (SANTAELLA, 2002, p. 154)

A partir da escolha do tema, são iniciados os estudos de revisão bibliográfica, além da troca de informações com especialistas que atuam na área e entrevistas com fontes que poderão ajudá-lo a clarear cada vez mais sua abordagem. Toda pesquisa gera uma infinidade de novas pesquisas, pois as interconexões dos assuntos dentro de uma mesma temática são infinitas. Luna (2000) reforça que quanto mais clareza se tiver em relação ao problema de pesquisa proposto, as demais decisões a serem tomadas pelo pesquisador serão tanto mais adequadas. Uma dica é iniciar pelo título do trabalho, pois ele consegue, na maioria das vezes, formular o problema principal do projeto de pesquisa.

Outras maneiras de destrinchar tais questionamentos iniciais são cercar o problema com formulações que, a princípio, poderiam ser respondidas sem iniciar os estudos sobre esta abordagem. Quanto mais se buscam perguntas, mais conexões são feitas, puxando novas perspectivas no seu tratamento. E nestes questionamentos, o assunto a ser referendado como problema da pesquisa vai demonstrando mais clareza e a verdadeira intenção do pesquisador.

Braga (2007) complementa que lampejos e ideias brilhantes não são necessários, pois o que move uma pesquisa são as dúvidas e a curiosidade do pesquisador. Outra dica de Braga para iniciantes é distinguir problemas de conhecimento de problemas práticos, uma vez que são os primeiros que orientam as pesquisas, na tentativa de ampliar o foco do assunto a ser tratado. Mas nada impede que este problema seja derivado de um problema prático.

Dentro desta perspectiva, Luna (2000) discorre sobre esta diferença da pesquisa e do trabalho de prestação de serviços, afirmando que os pesquisadores vêm demonstrando atualmente preocupações com o compromisso de transformação da realidade pesquisada com ações relevantes, no entanto, a diferença se encontra no seu ponto de partida e de chegada. O pesquisador necessariamente não precisa fazer com que seu trabalho seja aplicado na realidade como solução de determinado problema, pois o conhecimento refletido sobre tal assunto pode ser tão importante ou mais do que uma ação imediata.

Todos os estudiosos na área reafirmam a importância de um problema, de uma curiosidade, de um questionamento para legitimar um projeto de pesquisa, que vise a oferecer um conhecimento a mais sobre determinada temática. No campo de comunicação, os processos interdisciplinares de abordagem tornam este foco, muitas vezes, disperso, mas o que não pode ser considerado um empecilho. Ao contrário, estas inúmeras interfaces da comunicação com outros saberes científicos podem proporcionar reflexões interessantes, ampliando o conhecimento.

Sem clareza do problema que se quer refletir, o restante da pesquisa

acaba sendo comprometido. Nada impede que durante o desenvolvimento do estudo a angulação deste problema possa ser alterada e sugerir hipóteses diferentes do que as inicialmente traçadas. Isto é saudável, pois o interessante da pesquisa é dialogar com autores, interpretar dados coletados, refletir. Trata-se de um processo dinâmico, que exige um jogo de cintura do pesquisador para melhor construir seu conhecimento. O que dificulta os pesquisadores iniciantes é o estado da arte, ou seja, saber o que está sendo estudado por outros pesquisadores sobre o mesmo tema para facilitar a construção do problema, uma vez que não têm uma bagagem teórica tão vasta por estar iniciando como pesquisador. Por isso, a importância de leituras para fundamentar suas investigações nos assuntos tratados, absorvendo nestes processos o iniciante, que se confronta com posturas diferentes e até mesmo controversas. Neste caldo teórico, o pesquisador iniciante terá a oportunidade de propor novas concepções sobre os temas, sem obrigatoriamente ter que concordar com postulações apresentadas por autores renomados. O interessante são o questionamento e a visão crítica, mas desde que baseados em discussões teóricas e bastante informação sobre o campo a ser analisado.

Braga (2007) orienta que primeiro se deve escrever tudo o que sabe sobre o tema de seu interesse, incluindo experiência prática, observações sobre o que chama atenção, leituras, questões que incomodam, ou seja, uma espécie de relatório sobre o que se pretende. Não é ainda um projeto de pesquisa, apenas um texto versando sobre o assunto que irá pesquisar, uma espécie de *brainstorm*, sem censura, sem preocupações formais com as frases e parágrafos.

Após esta fase, o importante é começar a escrever perguntas, independentemente de sua relevância ou não, classificando-as como as que faltam informações para respondê-las e as que necessitam de um maior estudo e, ainda, as que exigiriam uma coleta de dados e uma observação empírica daquelas para as quais seriam fundamentais um aporte teórico. Com efeito, com base neste exercício intelectual, a proposta é distinguir perguntas vagas e amplas de específicas.

Com este relatório, Braga sugere que sejam organizadas as questões mais relevantes e as secundárias, mais amplas e mais específicas, relacionadas entre si ou não, mais teóricas e mais voltadas à busca de dados, tudo visando a gerar um conjunto integrado de questionamento. A partir disso, escrever um texto sobre este trabalho irá permitir finalizar o processo e garantir uma clareza do que se pretende pesquisar, quais os aparatos teóricos necessários e como se organizar na coleta e no tratamento dos dados. Com base neste exercício, a construção do problema de pesquisa torna-se mais fácil e mais clara para os iniciantes.

A ansiedade de se garantir um texto final muitas vezes poda a criatividade e novas conexões. Uma característica do trabalho jornalístico é a constante reescrita dos textos, o que pode ajudar muito nesta etapa de construção do problema de pesquisa, na medida em que é nesta fase de edição que o pesquisador consegue hierarquizar os itens mais importantes que determinam o foco

do estudo. Um texto escrito várias vezes tem a chance de sair melhor do que a sua primeira versão. Com isso, pode-se fazer uma analogia destes instrumentais na construção dos primeiros passos da pesquisa.

Não adianta ficar conjecturando reflexões sobre o tema se o grande trunfo do pesquisador é transformar em texto todas as dúvidas e perspectivas de abordagem. Não basta que se tenha um conhecimento teórico, uma experiência prática no contexto do fenômeno a ser analisado se o pesquisador iniciante não conseguir dialogar com outros autores e teorias frente a sua temática.

A questão da obviedade e originalidade dos temas é uma outra preocupação dos pesquisadores iniciantes, mas muitos autores revelam que o importante é a legitimidade do percurso percorrido durante o estudo, as formas como o recorte foi feito e a relevância social e teórica da abordagem. É normal que tenhamos uma hipótese muito clara em nossas mentes quando surgem determinados problemas de pesquisa, ou seja, sabemos de antemão o possível resultado da pesquisa por estarmos inseridos num contexto de estudo sobre o foco em questão. Esta convivência com assuntos de nosso interesse nos permite ter uma abordagem mais efetiva deles, o que pode nos parecer obviedade, como argumenta Santaella (2002) quando aborda a escolha dos temas. Mas não diminui a importância da reflexão e aprofundamento do tema nos círculos acadêmicos desde que tenhamos um trajeto que comprove a cientificidade das fontes, dados, tratamento de informações e condução da análise.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O começo de qualquer atividade sempre causa incertezas. Os alunos que concluem um curso de graduação ou ingressam a cada ano nos programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil e no mundo enfrentam, além destas novas etapas de maturação da área acadêmica, uma constante inovação tecnológica e uma amplitude dos processos comunicacionais, interferindo na vida moderna, gerando uma infinidade de reflexões, um fluxo constante de novas informações que revelam a importância da comunicação na contemporaneidade nos seus mais diversos aspectos, de inclusão social e reforço da cidadania até sua abordagem estratégica na construção de mercados. Diante deste reflexo, a comunicação se firma como uma das principais ciências, despertando interesse da comunidade científica e o ingresso a cada ano de novos pesquisadores no setor, buscando entender e refletir sobre a lógica da sociedade moderna.

Os grupos de estudo dos programas de pós-graduação em Comunicação revelam nos seus encontros regionais e nacionais uma variedade de temáticas, mostrando que se trata de um saber científico que se consolida. As diversas interfaces com outras áreas criam um mosaico de saberes mas também perspectivas de estruturar pontos específicos da comunicação, revelando um campo dinâmico em constante transformação.

Lúcia Santaella (2002) comenta que um pesquisador nunca deixa de ser pesquisador pelo processo dinâmico do estudo que sempre gera novas

abordagens. Neste acúmulo de saberes é que a comunicação vai construindo um campo de saber específico, movimentando toda uma rede de pesquisadores em todo o país e no mundo.

É nesta fronteira de um campo ilimitado de conhecimentos que o pesquisador iniciante se perde, pois os primeiros passos podem ser difíceis e a direção a ser tomada muitas vezes aparece como verdadeira encruzilhada. A definição do tema é o ponto principal, mas a formulação do foco a ser abordado muitas vezes se torna um desafio. A ideia clara do problema é o suporte para a pesquisa e seus procedimentos seguintes. Transformar a curiosidade que incita investigar determinada questão em uma pergunta ou conjunto de perguntas auxilia na delimitação desta realidade que se pretende estudar.

Nos dicionários, o conceito de problema se apresenta como uma questão não solvida, objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento; proposta duvidosa, que pode ter numerosas soluções. Esta questão principal é que será o fio condutor no qual irão ser construídas as interconexões com outros saberes, o estado da arte da temática, bem como irá precisar o recorte a ser analisado. Por isso, muitos autores de metodologia enfatizam a importância da clareza do problema da pesquisa para dar início ao projeto.

Apesar de todas as dicas e orientações de estudiosos de metodologia, a concepção do problema de pesquisa é algo muito pessoal, e, nesta perspectiva, é que o trabalho ganha corpo, pois as referências teóricas demonstram apenas como o tema foi tratado em pesquisas anteriores, mas neste cruzamento teórico é que o pesquisador iniciante põe à prova seus conhecimentos. Muitos temas nascem da experiência do estudioso em suas áreas de atuação, apesar de haver pesquisadores que dizem ter sido escolhidos por determinado assunto, não que tenham escolhido este assunto. Mas se o problema de uma pesquisa é algo que suscite a curiosidade e o apelo à investigação, é natural que seja parte de um contexto vivenciado no dia a dia pelo pesquisador.

Na graduação, o pesquisador iniciante tem um arcabouço teórico ainda sendo testado com toda sua bagagem de conhecimento recém-adquirida na faculdade, que inclui uma formação humanística importante, revelando estas interfaces com outros saberes e disciplinas, o que pode tornar ainda mais complexa a escolha de seus temas de monografias de conclusão de curso. Já o estudante que ingressa em um mestrado esbarra ainda na linha de pesquisa. Como criar interface entre o tema escolhido, o recorte que se dará sobre este assunto e ainda conciliar com a linha de pesquisa que o programa de pós-graduação de sua faculdade oferece. Com efeito, nenhum trabalho nasce se o pesquisador não estiver disposto a refletir, pois é esta postura acadêmica de explorar todas as suas angulações e teorias que irá permitir uma abordagem nova, um conhecimento que amplie a discussão sobre a temática.

Diante de tantos desafios, o trabalho tem que ter um pontapé inicial. Escrever, formular reflexões, coletar dados, escolher a melhor forma de interpretá-lo exige prática. Toda etapa inicial na vida acadêmica é difícil, mas a

ousadia de pensar é que fará com que novas concepções e teorias sejam criadas em todas as áreas. Por mais renomados que sejam os teóricos e os estudiosos do tema, são as novas versões que se sobrepõem às temáticas e que ampliarão o leque de possibilidade de novos recortes. É neste ponto que os pesquisadores iniciantes oferecem maior oportunidade de transformar determinados paradigmas das pesquisas por terem visões diferentes, na medida em que estão sendo recentemente inseridos em comunidades científicas, trazendo novas linguagens, novas reflexões, novos questionamentos, ajudando a construir este complexo saber científico da comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem – discursos e ciência*. São Paulo: Editora Morena, 1998.
- BRAGA, José Luiz Braga. *O problema de pesquisa – como começar*. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/5155>. Acesso em julho de 2009.
- FERREIRA, Jairo.(org). *Cenários, teorias e epistemologias da Comunicação*. Rio de Janeiro: E:papers,2007.
- LIMA, Venício A. *Mídia – Teoria e política*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2001.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação – formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.
- LUNA, Sergio Vasconcelos. *Planejamento de pesquisa – uma introdução: elementos para uma análise metodológica*. São Paulo: EDUC, 2000.
- SANTAELA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker editores, 2001.

Recebido em 05/02/2012

Aceito em: 24/04/2012